
NOTAS

1. Apesar de não ser o foco da pesquisa, julga-se importante entender essas dinâmicas esportivas dentro do skate, para entender como o skate como prática urbana se diferenciou da sua forma esportiva. O skate esportivo é mais conhecido do público geral como um esporte radical, o qual tem se popularizado na televisão e que é agora um esporte olímpico. Essa modalidade é praticada dentro de espaços planejados e planejados para esse fim, é o que conhecemos como pista de skate. Existem diversos tipos e modalidades de pistas de skate, mas é onde a ideia do esporte entra no universo do skate, pois na pista ocorrem os treinamentos e lá acontecem os eventos e campeonatos. Esses eventos, na maioria das vezes, contam com ganhadores, perdedores e plateia presente, como qualquer evento esportivo.

2. "Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como 'modernidade'. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. [...] Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, 'tudo o que é sólido desmancha no ar'". (Berman, 1982, p.15)

CRÉDITOS IMAGENS

FIG.1: Skatista Murilo Romão realizando manobra em guarda-corpo da Av. Paulista. Foto de André Calvão. Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIG.2: Duas mulheres sentadas em uma mesa de restaurante ocupando uma vaga de carro. Foto de Herman Hertzberger. Fonte: Hertzberger, 1996, p.9.

FIG.3: Skatista Keone Schaufert pulando corrimão do estacionamento de um supermercado. Foto de Ricardo Cadaval, 2020.

FIG.4: Skatista Luca Narracci filmando sessão de skate no Vale do Anhangabaú. Foto de Ricardo Cadaval, 2019.

FIG.5: Skatista Murilo Romão realizando manobra no Theatro Municipal de São Paulo. Foto de Ricardo Cadaval, 2023.

FIG.6: Skatista Luca Narracci realizando manobra na praça Roosevelt. Foto de Felipe Campos. Fonte: Acervo pessoal do autor. 2021.

FIG.7: Passeata em São Paulo contra a proibição do skate na cidade em 1988. Foto de Alexandre Tokitaka, 23 jun. 1988. Fonte: Erundina, L. Skate: da proibição autoritária às medalhas olímpicas. **Folha de S.Paulo**, 6 ago. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2024/08/skate-da-proibicao-autoritaria-as-medalhas-olimpicas.shtml>.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda., 1986.
- BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte:** uma história do skate no Brasil. Blumenau: Edifurb, 2014.
- BRANDÃO, Leonardo. **Skate nas Olimpíadas.** Centro de Pesquisa e Formação Sesc SP, São Paulo, 16 jan. 2020. (Comunicação oral)
- FINKELPEAR, Tom. **Dialogues in Public Art.** Boston: MIT Press, 2000.

HOWELL, Ocean. **The Poetics of Security:** skateboarding, urban design, and the new public space. 2001. Disponível em: https://urbanpolicy.net/wp-content/uploads/2013/02/Howell_2001_Poetics-of-Security_NoPix.pdf.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura.** Trad. Carlos Eduardo Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades.** Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KUNSCH, Graziela. Prática Urbana. **Revista Urbânia** 3, São Paulo, 2008.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De "carrinho" pela cidade:** a prática do street skate em São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RAGO, Margareth. **Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias.** São Paulo: Editora Escola da Cidade, 2016.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Paulo. **Espaços Skatáveis:** orientação para a adequação de espaços públicos abertos à prática de esportes urbanos. São Paulo, 2014.

SOBRE O AUTOR

Ricardo Kalil Cadaval é arquiteto e urbanista formado pela Escola da Cidade (2023) e estudante do curso de pós-graduação *lato sensu* "Geografia, Cidade e Arquitetura" pela mesma instituição.

ricardokalil13@gmail.com

ENSAIO

Processo e método: relato em primeira pessoa

Maria Piedade

Orientação: Prof. Dr. Gilberto Mariotti (Escola da Cidade)

Pesquisa: Pesquisa Experimental, bolsa do Programa de Pesquisa da Escola da Cidade, 2023.

Este ensaio revela o processo da pesquisa experimental cuja temática foi centralizada na possibilidade de criar, a partir de narrativas transvestigêneres, um imaginário que evidencia novos significantes sobre a paisagem do centro de São Paulo. Baseado em biografias individuais, busquei explorar de maneiras distintas as noções de cidade, corpo e memória, afetadas por experiências complexas e potencializadoras da prática urbana como consciência da cidade como território (Deleuze; Guattari, 1995) não apenas de disputa, mas também de construção integral de um ambiente associado a questões subjetivas e dinâmicas

que lidam, simultaneamente, com espaço e narrativa. Essa reflexão manifesta os desafios teórico-metodológicos que circundam o enfrentamento de subjetividades implicadas em ideologias e práticas que se alicerçam em mecanismos de gênero, violência, recusa, afetividade e sofrimento. Não obstante, pode-se observar interna à estrutura de um relato analítico a própria experiência que colocou a pesquisadora como narradora principal, a partir do interesse de uma crítica ao processo de trabalho pela abordagem da Micro-história (Vainfas, 2002) como instrumento analítico aplicável ao estudo histórico da realidade aproximada.

Process and method: a personal report

This essay reveals the experimental research process centered on the possibility of creating, by employing transvestigender narratives, an imaginary that highlights new meanings about the landscape of downtown São Paulo. Based on individual biographies, I sought to explore in different ways the notions of city, body, and memory, being affected by complex and empowering experiences of urban practice as awareness of the city as territory (Deleuze; Guattari, 1995), not just of dispute, but also of the integral construction of an environment associated with subjective and dynamic issues that deal, simultaneously, with space and narrative. This reflection encompasses the theoretical-methodological challenges that arise in confronting subjectivities entangled with ideologies and practices rooted in mechanisms of gender, violence, refusal, affectivity, and suffering. However, within the structure of this analytical account, we can observe the experience that positioned me as both researcher and main narrator, guided by an interest in criticizing the work process through the approach of Micro-history (Vainfas, 2002) as an analytical tool applicable to the historical study of proximate realities.

Proceso y método: cuenta en primera persona

Este ensayo revela el proceso de investigación experimental cuya temática se centró en la posibilidad de crear, a partir de narrativas travestigéneres, un imaginario que resalte nuevos significados sobre el paisaje del centro de São Paulo. Basado en biografías individuales, busqué explorar de diferentes maneras las nociones de ciudad, cuerpo y memoria, siendo afectados por experiencias complejas y empoderadoras de la práctica urbana como conciencia de la ciudad como territorio (Deleuze; Guattari, 1997), no sólo como lugar de disputa, pero también de la construcción integral de un entorno asociado a cuestiones subjetivas y dinámicas que manejan, simultáneamente, el espacio y la narrativa. Esta reflexión manifiesta los desafíos teórico-metodológicos que rodean el enfrentamiento de subjetividades implicadas en ideologías y prácticas que se basan en mecanismos de género, violencia, rechazo, afectividad y sufrimiento. Sin embargo, dentro de la estructura de un informe analítico se puede observar la propia experiencia que situó a la investigadora como narradora principal, a partir del interés en proceso de trabajo a través del enfoque de la Microhistoria (Vainfas, 2002) como instrumento analítico aplicable al estudio histórico de la realidad aproximada.

Processo, experiência e método são as três palavras que equalizam os momentos que enfrentei ao longo da pesquisa aqui apresentada. Dependendo do momento, cada palavra exerceu seu protagonismo de maneira distinta, embora o funcionamento de uma seja intrínseco ao da outra, de forma que esse mutualismo engendra o que se torna o trabalho. Essa percepção não é natural ao processo nem ao método, mas se torna possível a partir da própria experiência. Busco trazer aqui, na dimensão de um relato, as intersecções entre o fazer prático e teórico que discutem as noções conceituais sobre o método.

Para a pesquisa experimental, elegi um tema ainda pouco conhecido para mim bibliograficamente, o que exigia um trabalho significativo em campo. Ao descobrir que um espaço vizinho à Escola da Cidade, hoje utilizado como estacionamento, fora uma importante residência de travestis, e que essa informação se perdeu com o tempo, de maneira que não há sequer registros fotográficos disponíveis sobre essa ocupação, me perguntei sobre a quantidade de lugares que também foram apagados da memória coletiva urbana de São Paulo. Com isso, abri a possibilidade de debater, simultaneamente, outras definições de território – distantes do que aprendemos no exercício da arquitetura e do urbanismo – arriscando, a partir delas, compreender o jogo de relações entre corpo e cidade dinamizado por pessoas transvestigêneres e o centro de São Paulo.

Dessa maneira, antever a importância de mapear esses pontos e fluxos na cidade esteve na tentativa de redimensionar o peso

e a sobreposição de histórias, protagonizando memórias ofuscadas pelo tempo e pelas dinâmicas sociopolíticas urbanas. No entanto, o maior desafio durante o processo de pesquisa, que eu acreditava ser a própria ação em campo, foi, na verdade, dar conta de arrematar tudo aquilo que confrontou o que insistentemente busquei chamar de metodologia de pesquisa. Escolhi criar uma metodologia que dividisse as abordagens que gostaria de explorar em diferentes eixos. Cada um desses eixos foi denominado de procedimento de análise, o que me permitiu organizar e sistematizar as diversas perspectivas que eu pretendia abordar em relação ao tema. Em vista disso, esse ensaio se organiza na apresentação das teses e antíteses que estruturam esse processo, apontando as resoluções encontradas para avançar o trabalho no interior dos conflitos sobre procedimentos, programas e, acima de tudo, métodos.

Inicialmente, a metodologia estruturada para o trabalho foi a História Oral, que me permitiria alcançar o material necessário para o mapeamento. Aliado à prática de entrevistas, transcrições e edições, propus a produção de imagens como auxiliares à análise, construídas por meio do desenho sobre os percursos da memória e da transição dos locais de acolhimento territorial ao longo do tempo. Além disso, outro recurso gráfico que teve destaque na elaboração do projeto foi a colagem, que uniria espaços importantes à história e trajetória transvestigêneres na cidade no momento de suas ocupações e hoje, possibilitando a análise da existência – ou não – de vestígios construídos de memória.

Com a pesquisa em andamento, não demorou para perceber que sua estrutura precisaria ser refeita, pois não funcionaria da maneira que eu esperava. Uma vez que o trabalho seria desenvolvido essencialmente de maneira coletiva, o material só existiria se outras pessoas se disponibilizassem a participar. Os sucessivos “nãos” que recebi como resposta restringiram meu campo de ação e implicaram uma remodelagem constante do método. A premência da recusa foi pauta para discutir o lugar do corpo na cidade e, nesse caso, de corpos específicos que possuem uma história e motivos para se relacionar com meu corpo, imagem e trajetória.

É imprescindível o embasamento da pesquisa na palavra escrita e narrada, mas o que despontou foi a reorganização da categoria que formalmente, em um procedimento de História Oral, denominamos de “comunidade de destino”. As primeiras tentativas de veicular uma nova entrevista como meio foram inibidas por uma conversa que redimensionou os partidos do trabalho e transpôs a pesquisa na direção de descobrir, também como processo e percurso, qual a potência que evoca um trajeto, que gera a profundidade do assunto e que desloca.

Dessa maneira foi construído o segundo eixo metodológico, que afunila para a escala humana e se desdobra através do processo do fazer, do uso de um dispositivo que me colocou no lugar de micro-historiadora,¹ pondo em jogo meu próprio ser. A experiência se faria como um passeio a mim mesma (Agamben, 2017, p.49); a minha própria experiência como passeante, que criaria uma relação de absoluta e recíproca proximidade com o que existe de externo através do corpo, sendo essencial a relação ativa de minha parte com o que

está fora de mim, por meio do afeto em relação ao encontro com o mundo e ao que me toca enquanto outro.

Aproximando-me novamente de duas mulheres transexuais que haviam participado de entrevistas em um projeto anterior para um artigo sobre o tema, decidi explorar o que havia sido produzido e desenvolver uma continuidade que abordasse os temas do território, da cidade e do corpo de forma mais aprofundada. Para isso, revisei as transcrições e gravações das entrevistas, analisando as conexões e disparidades nas conversas para criar uma nova abordagem metodológica.

Com isso, passei a me atentar às nuances que escapavam da formalidade de uma entrevista, que fugiam simplesmente da palavra e se expandiam para outros níveis de interpretação. Comecei a entender os ruídos, as pausas, as intercorrências, os vícios de linguagem, os recursos para recordar, os gestos, as posturas corpóreas, as vestimentas e as escolhas dos locais de encontro como dados que também atravessam o território de análise, espiralando-o e esfumando-o, colocando o encontro do corpo e a subjetividade calcada nesse encontro como assunto e essência do ato de pesquisar.

Desses aspectos, escolhi que o recorte textual ensaístico, aliado à prática de encontros, permitiria inflar momentos em que a subjetividade aflora, criando dispositivos de leitura. Tendo em vista o caráter também performático dessa forma de aproximação, busquei diretamente um novo escopo de interpretação e análise: a relação de afetos recíprocos entre os corpos presentes, suas interações com o espaço e as narrativas desprendidas deles.

A tentativa de criar uma narrativa unificada que representasse a fala e a trajetória de um coletivo revelou-se inadequada. Em vez disso, a pesquisa mostrou que a verdadeira compreensão surge do encontro e da troca, em que a escuta das experiências individuais é fundamental. Ao adotar uma abordagem metodológica que valoriza a narrativa do indivíduo em relação aos outros – sejam territórios, outros corpos etc. –, ficou evidente que reunir trajetórias diversas não levaria a uma visão coletiva coesa, mas sim a uma trama fragmentada, repleta de desconexões e rupturas históricas, urbanas e pessoais. Assim, ao pensar a paisagem e a dinâmica urbana através da oralidade, a individualidade e a perspectiva de cada pessoa tornaram-se elementos essenciais na construção e interpretação do território.

Assim, pude entender que o assunto em profundidade surgiria do que se apresenta no corpo de quem fala, revelando, através do discurso, os próprios conflitos, as próprias escolhas e a própria jornada. Entendi que isso ocorreria, pois a figura que discursa escolheria a maneira de se apropriar desse dispositivo de compartilhamento criado por um interlocutor como eu, externo e estrangeiro, que se aproxima aberto, sem amarras e movido pela curiosidade ingênua do saber mais, sem pudor e sem remorso em relação a essa nova realidade aproximada.

Essa segunda etapa de reflexão precedeu o que denominei de terceiro eixo metodológico, fomentando discussões para edificar procedimentos de trabalho ainda mais diminutos. Ao realizar a dimensão micro do exercício de encontros e sua potência como exploração individual, revelou-se a pertinência de compreender, a partir do discurso, vestígios de uma memória inerente a uma paisagem. O deslocamento da compreensão de território geográfico para território existencial (Deleuze; Guattari, 1995), que articula corpo e sua experiência no espaço, fez com que a análise do

discurso fosse capaz – de maneira sensível – de manifestar a existência de um corpo e de seus processos de afetos, disputas e transições em relação à dinâmica da cidade. Passei a perceber que a proposta de uma leitura sobre o centro de São Paulo está na presença do corpo em trânsito no território e que diferentes possibilidades de acesso e encontros criariam narrativas variáveis.

Retomei minhas conversas especificamente com uma das mulheres que já conhecia, realizando nosso segundo encontro formal. Ela, transexual, negra, jovem, migrante, antiga moradora do bairro da Bela Vista, frequenta assiduamente a região do bairro da República por conta de seus dois tipos de trabalho. De dia, é contrarregista de teatro e passou a cursar iluminação cênica na SP Escola de Teatro para ter formação técnica completa; à noite, trabalha como profissional do sexo, com clientes específicos que, muitas vezes, são de fora da cidade e até mesmo de outros países. Transicionada há catorze anos, trabalha com prostituição desde que se mudou para São Paulo. Essa escolha profissional a fez, sozinha, percorrer diversas partes do mundo e morar em inúmeras delas, resultando em uma curva de instabilidade em sua vida bastante radical.

Nossa conversa, longa e complexa, tangenciou temas importantes para nós. Em sua narrativa, suas opções, percursos e análises registram, homeopaticamente, o que em uma dimensão muito maior dirá respeito a um *modus operandi* de vida compartilhado por outras pessoas em situações análogas. Para além da noção de centro como espaço comum, que desenha limites territoriais de abordagem temática, há a iminência da expansão de um corpo como unidade que, em trânsito, é afetado e reciprocamente afeta tudo o que se deixa atravessar. A dimensão cosmopolita desse corpo, dotado de experiências ímpares, é traduzida na narrativa montada por si mesma, que eleger e organiza condições

temporais e não cronológicas de fala para constituir seu relato.

Após o diálogo, revisei sua gravação inúmeras vezes para entender, a partir do terceiro eixo metodológico, a capacidade do discurso de escoar noções como a do próprio corpo e de seus enfrentamentos no espaço urbano. Portanto, ao produzir minha leitura sobre o discurso, surgiram pistas para decifrar fragmentos de uma relação com a cidade de São Paulo e, ademais, a reciprocidade de afetos entre corpo e território no que diz respeito à transexualidade e à paisagem urbana do que conceitualmente se define como centro. No caso de minha entrevistada, seu processo de transição esteve intimamente associado à sua emancipação urbana, que se deu pelo processo migratório de evasão do interior de Maceió para a capital de São Paulo, de maneira que a territorialização de seu corpo transcorreu simultaneamente com sua própria leitura da nova cidade como território de acolhimento, apesar de suas contradições.

Com esse alicerce para interpretar a entrevista, que estava profundamente ligado à forma de comunicação da minha entrevistada, foi possível criar um espaço de abertura sensível ao longo dessa longa troca. Com a construção de afeto e confiança entre nós duas, ela revelou assuntos jamais ditos a nenhuma outra pessoa. Relatou, algumas vezes, que, junto a mim, era capaz de acessar informações e leituras sobre si mesma até então soterradas pelas memórias que escolheu dar continuidade na sua vida. No nosso espaço de diálogo e escuta, mútuo e atento, criamos a nossa própria reterritorialização (Deleuze; Guattari, 1995) ao manufacturar um lugar de abrigo entre nós.

O meu retorno textual sobre o encontro foi bastante íntimo e específico dentro do vocabulário criado para nossa relação, mas, em uma escala ampliada, o que pude capturar foi a decorrência da manifestação do território, em seu sentido existencial, no encontro discursivo. Sua produção,

uma vez pautada por essa dinâmica de interações interpessoais, está no cerne do próprio discurso, sempre posto em relação ao que há de outro, ao externo a toda individualidade. Todavia, essa aproximação individual desprogramada permitiu que fossem retomadas e avaliadas premissas do projeto de pesquisa, instalando novamente, de maneira aprofundada, o debate sobre conceitos que sempre estiveram contornando as etapas de trabalho. Se, no começo, havia a intenção de tratar de corpo, memória e território, os três se mantiveram e se ampliaram para além da visão genérica disposta anteriormente.

Nesse mote, mais do que um exercício constante de leitura, reflexão e análise dos movimentos dispostos ao desempenho do trabalho, o retorno à consciência do que se propunha conceitualmente no início foi de extrema importância. O que denominei, de maneira nebulosa, de palavras que *equalizam* os três momentos enfrentados se traduz na compreensão de uma topologia² da pesquisa, ou seja, uma estrutura relacional entre os tempos do trabalho.

Como colocado anteriormente, apesar de uma distinção hierárquica que havia previamente pensado para a metodologia de ação, as intercorrências sofridas causaram novos desdobramentos e potências de conduta. Sendo assim, os diferentes arranjos organizados, as novas referências e métodos mostraram a abertura de um saber-rizoma, dotado de fluxos e vetores de força que coagiram para os trajetos inéditos. Esse foi o elemento capaz de desierarquizar a importância de cada etapa de trabalho, elevando-as a um mesmo nível. As expectativas almejadas de antemão foram surpreendidas por novos meios e respostas, criando espaço para que um porvir não imaginado tomasse conta de uma estrutura rígida que, ao lidar com corpos e afetos, foi friccionada e se enfraqueceu, tornando obrigatória a constante mudança para uma configuração de campo de ação flexível e penetrável.

NOTAS

1. A Micro-História é uma abordagem historiográfica que se concentra no estudo detalhado de eventos, pessoas, comunidades ou fenômenos específicos, em vez de abranger grandes períodos ou temas históricos amplos. Ela busca revelar a complexidade e a riqueza das experiências individuais e cotidianas, muitas vezes negligenciadas pelas narrativas tradicionais.

2. Gilles Deleuze utiliza a topologia para desenvolver conceitos como o de "dobra" e "rizoma", que exploram como o pensamento e a realidade são estruturados de maneira fluida, múltipla e conectada. A topologia em Deleuze é essencial para entender como os conceitos se movem, se transformam e se relacionam em campos de intensidades.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O uso dos corpos**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

DELEUZE, G. O que as crianças dizem. *In*: DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, p 78-85.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS)

GUATTARI, F.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

JACQUES, Paola Berenstein (Org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.

VAINFAS, R. **Micro-história: Os protagonistas anônimos da história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SOBRE A AUTORA

Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo na Escola da Cidade. Busca no escopo da pesquisa transdisciplinar compor aproximações entre desenho, palavra e performance, tangenciando as problemáticas de gênero em contextos urbanos. Em 2023, realizou a pesquisa experimental Corpo, Memória e Cidade, uma proposta de leitura sobre o centro de São Paulo a partir de territorialidades, afetos e subjetividades transvestigêneres.

pedade12maria@gmail.com

ARTIGO

Atlas da expansão à metrópole: evolução da mancha urbana de São Paulo

Nara Albiero

Orientador: Prof. Ms. Pedro Vada (Escola da Cidade)

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2023.

Este artigo buscou delinear a morfologia da cidade de São Paulo a partir de suas sucessões econômicas, de seu fundamento até a constituição da metrópole. Nesta sequência, pontua-se as intersecções possíveis entre a evolução da mancha urbana, as especificidades geográficas do sítio paulistano e os fatores de cada ciclo produtivo vigente por meio da investigação gráfica destes desdobramentos.

Palavras-chave: São Paulo; metrópole; morfologia.

Atlas of metropolitan expansion: the evolution of São Paulo's urban spread

This paper seeks to delineate the morphological development of São Paulo through its economic cycles, from its foundational period to the formation of the metropolis, emphasizing the intersections between the evolution of the urban footprint, the geographical peculiarities of the São Paulo site, and the factors influencing each productive cycle through a graphic investigation of these developments. The discussion is developed through diagrams that facilitate the categorization of the stages that spans from the establishment of Vila de Piratininga, in the 16th century, to the legal constitution of the metropolis, the 1960s and the 1970s. The outcome is a comprehensive visual atlas depicting the urban footprint of the São Paulo Metropolitan Region, centered on the city of São Paulo.

Keywords: São Paulo; metropolis; morphology.

A discussão se desenvolve em diagramas que auxiliam a categorização de etapas e que abarcam o período entre a fundação da Vila de Piratininga, no século XVI, até a constituição legal da metrópole nas décadas de 1960 e 1970. O resultado é a consolidação de um pequeno atlas visual da mancha urbana da Região Metropolitana de São Paulo a partir de seu centro, a cidade de São Paulo.

Atlas de la expansión metropolitana: evolución de la mancha urbana de São Paulo.

Este artículo buscó delinear la morfología de la ciudad de São Paulo a través de sus sucesiones económicas, desde sus orígenes hasta la formación de la metrópoli, destacando las intersecciones posibles entre la evolución de la mancha urbana, las peculiaridades geográficas del sitio paulistano y los factores de cada ciclo produtivo vigente por medio de un análisis gráfico de estos desarrollos y la discusión se presenta mediante diagramas que auxilian la categorización de estas etapas y que abarcan desde la fundación de la Vila de Piratininga en el siglo XVI hasta la constitución legal de la metrópoli en las décadas de 1960 y 1970. El resultado es la consolidación de un pequeño atlas visual de la mancha urbana de la Región Metropolitana de São Paulo, a partir de su centro, la ciudad de São Paulo.

Palabras clave: São Paulo; metrópolis; morfología.